

“O ESPÍRITO DA SELVA”: REPRESENTAÇÕES E ESTEREOTIPIAS NO CINEMA

Mércia Cristina da Silva Assis*

Resumo

O presente artigo objetiva discutir as representações existentes na narrativa fílmica intitulada *O Espírito da Selva*, com o propósito de mostrar como esta se insere em um contexto maior, no qual a África e seus povos são recorrentemente tratados como primitivos e destituídos de valores civilizatórios. Para este trabalho foram utilizadas obras que discutem as relações entre o Cinema e a História, bem como análises fílmicas.

Palavras chave: Cinema; África; Representações da África, Europa.

Abstract

This article aims to discuss the existing representations in film narrative titled *The Spirit of the Forest*, in order to show how this is part of a larger context in which Africa and its people are repeatedly treated as primitive and devoid of civilizing values. For this job works were used to discuss the relationship between cinema and history, as well as filmic analysis.

Keywords: Cinema; Africa; Representations of Africa, Europe.

Introdução

O cinema tem sido por várias décadas referência em diversão, lazer e glamour, mas, é também uma poderosa máquina de construção, difusão e retroalimentação de representações, que necessariamente não se constituem em efetividades. Nessa perspectiva, este trabalho objetiva discutir a narrativa fílmica intitulada “O Espírito da Selva”, lançado no Brasil em 2007, e que teve como diretor Gray Hofmeyer. Na obra em ques-

ção, como em muitas outras que possuem o continente africano como tema ou cenário, há predominância da ideia dos contrastes entre povos, culturas e valores civilizatórios. Isto não seria um problema se a narrativa fílmica não trouxesse, de forma veemente, conceitos que são balizados na hierarquia e inferiorização entre culturas e civilizações. Para isso, é necessário compreender que o filme “O Espírito da Selva” está situado em

* Mestranda do Programa de Pós – Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Pernambuco – PPGSS/ UFPE. Bolsista *CNPQ*. E-mail: merciacris15@yahoo.com.br

um dado contexto, perpassado por questões relacionadas ao tempo e espaço. Confrontos entre a ciência (superior e europeia) do médico Albert Schweitzer, com a “magia” do “feiticeiro” Oganga, além das constantes oposições entre a música “clássica” e a “tribal”, dentre outras comparações feitas de formas “subliminares” mostram que o cinema é muito mais do que uma simples possibilidade de lazer e diversão.

Quem pode negar, nos dias atuais, os impactos da mídia nas sociedades, bem como nas representações construídas por seus indivíduos? Aliás, quem não gosta de assistir TV, “navegar” na internet, ir ao cinema e escolher qual filme assistir? Seria um tanto difícil imaginar o século XXI sem as “evoluções” tecnológicas, principalmente no que tange a produção de bens e serviços, comunicação, difusão de informações, bem como o entretenimento propriamente dito. Através desse último aspecto, dentre os que foram elencados, irei discutir os elementos presentes no mesmo, principalmente no contexto do cinema.

O filme em questão, elemento da indústria midiática do entretenimento, é entendido, nesse estudo, como um objeto relevante para os estudos das representações sociais e políticas da nossa sociedade. Ou seja, estamos afirmando que as mídias e, neste caso o cinema, possui marcas políticas, culturais e sociais relevantes, pois estão eivados de símbolos e sentidos sancionados, interditados, retroalimentados cotidianamente em um determinado espaço e tempo. O filme em questão faz parte de um amplo e complexo processo de construção da realidade e das percepções sobre os diversos sujeitos e suas culturas. As representações sociais, nesse sentido, não devem ser entendidas como constituídas de discursos neutros e destituídos de historicidade.

Embora seja um ato muito simples, e muitas vezes corriqueiro, “ir ao cinema” não deve ser visto como uma atividade destituída de significados e sentidos. Aliás, para além das possibilidades existentes no ato de ir assistir ao filme em um cinema, não podemos negar o quanto, no contexto do lazer e entretenimento, essa possibilidade de sentar numa “poltrona” e desfrutar de uma bela construção cinematográfica impacta nossa vida e maneira de pensar. Pois é! O cinema é mais um instrumento e possibilidade, na atualidade, de construir formas de ser e pensar. O interessante é que quase não percebemos (ou não) o quanto essa arte influencia e é influenciada pela sociabilidade contemporânea ocidental:

(...) As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representação têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio. Ocupar-se dos conflitos de classificações e delimitações não é, portanto, afastar-se do social – como julgou durante muito tempo uma história de vistas demasiado curtas - muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos de confronto tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais (CHARTIER, 1990, p. 15).

O cinema, enquanto constituinte do campo midiático, acompanha os tempos do que Bauman contextualizou como “modernida-

de líquida”. O efêmero toma conta dos gostos e hábitos, conformando sujeitos que a todo tempo estão em permanente mutação. Os laços de amizade, as relações afetivas, escolhas, gostos, tudo é instantâneo e fugaz, diferente dos tempos da modernidade, em que existia solidez:

Diferentemente da sociedade moderna anterior, que chamo de “modernidade sólida”, que também tratava sempre de desmontar a realidade herdada, a de agora não o faz com uma perspectiva de longa duração, com a intenção de torná-la melhor e novamente sólida. **Tudo está agora sendo permanentemente desmontado, mas sem perspectiva de alguma permanência. Tudo é temporário. É por isso que sugeri a metáfora da “liquidez” para caracterizar o estado da sociedade moderna: como os líquidos, ela caracteriza-se pela incapacidade de manter a forma.** Nossas instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos e verdades “auto-evidentes”. Sem dúvida a vida moderna foi desde o início “desenraizadora”, “derretia os sólidos e profanava os sagrados”, como os jovens Marx e Engels notaram. Mas enquanto no passado isso era feito para ser novamente “re-enraizado”, agora todas as coisas — empregos, relacionamentos, *know-hows* etc. — tendem a permanecer em fluxo, voláteis, desreguladas, flexíveis. A nossa é uma era, portanto, que se caracteriza não tanto por quebrar as rotinas e subverter as tradições, mas por evitar que padrões de conduta se congelem em rotinas e tradições (BAUMAN *apud* PALLARES-BURKE, 2004, p. 321 – 322. Grifos meus).

Bauman mostra que os tempos atuais são constituídos pelo provisório, que desfaz sem se refazer (BAUMAN, 2001). Mudanças, transformações, multiplicidades... Os tempos atuais se mostram de maneira líquida, tomando o formato do momento. Mas esta

fluidez possui limites! Ora, se compreendermos a mídia numa relação direta com o poder, ou seja, situando-a nas redes de exercício deste com a sociedade, compreenderemos a importância e centralidade que a mesma produz na sociabilidade dos indivíduos, possuindo lugar “privilegiado na criação, reforço e circulação de sentidos” (FISCHER, 2011, p.587). Eu diria mais: ao que me parece, esta fluidez que se apresenta nos tempos atuais reforça os conceitos e preconceitos existentes.

Em épocas onde espaço/tempo estabelecem uma relação cada vez mais imediata e fluída, produtora de verdades e saberes diversos, divergentes, contraditórios e (des) contínuos, voláteis e efêmeros, a mídia, na transmissão da informação, possui interesse direto não em noticiar ou entreter apenas, mas em formar opiniões (MEDINA, 1988, p. 51). A informação participa tanto da lógica econômica, com interesses de mercado, como também, da lógica simbólica, pois atua diretamente na construção da opinião pública (CHARAUDEAU, 2009, p.29).

Assim sendo, neste trabalho colocamos como cerne da questão a mídia, e especificamente o cinema, como disseminador de representações sociais nas relações sociais, no sentido de interferir no modo de viver e pensar dos sujeitos. Para isso utilizaremos o filme como ponto de partida e de chegada, ou seja, iremos analisá-los como principal veículo para compreender quais os debates expressos nas imagens, falas dos personagens, trilha sonora e etc. Tal análise deve levar em conta o processo de montagem das narrativas, a justaposição dos diálogos e a junção das cenas. Todo filme é fruto de uma montagem, por mais que seu diretor tenha a intenção de mostrá-lo como neutro e detentor da representação objetiva da vida, ou seja, o real conforme ele se apresenta

(BERNARDET, 2010; CARRIÈRE, 2006; AUMONT, 2009; AUMONT; MARIE, 2009, LUMET, 1998).

Entremeando esta compreensão, ao analisar a narrativa fílmica intitulada “O Espírito da Selva”, o presente estudo buscou entender as formas como o continente africano é construído e representado, possuindo como ponto de partida o discurso do “baseado em fatos reais”, ou seja, a construção de um filme possuindo como base a história de vida (relatos, diários, escritos...) de um dos médicos que foi considerado em seu tempo um homem extemporâneo, e que revolucionou a maneira de conceber a medicina “tradicional”. Portanto, para este trabalho foram utilizadas obras que discutem as relações entre o Cinema e a História, bem como análises fílmicas

A África de um povo...

Assistir o filme “O Espírito da selva” é perguntar-se a todo o momento onde estamos. Na verdade, estou me referindo a um aspecto central do filme: qual local ele procura retratar. É muito claro, no primeiro momento, que estamos vislumbrando uma encenação do continente africano. Porém, no decorrer do filme fica muito claro e óbvio que o contexto geográfico, social, populacional se restringe apenas a esse fato: África! Porém, é necessário discorrermos mais sobre este filme.

“O Espírito da Selva” retrata a história do médico, teólogo, filósofo e músico Albert Schweitzer, e possui como mote a sua carreira enquanto médico. Nascido na Alsácia, quando esta região integrava o território alemão, e filho de importantes políticos locais, Schweitzer possuiu todas as possibilidades de reconhecimento de sua carreira enquanto médico. Porém, a narrativa procura retratar um fato: Albert Schweitzer não foi ape-

nas mais um médico. Isto quer dizer que ele, enquanto profissional de sua área, foi uma referência para sua época, pois debruçou-se no que ainda ninguém tinha tido a ambição. Através de sua articulação política e reconhecimento na área científica, este médico alemão ambicionou trabalhar no continente africano e construir uma carreira profissional para “povos” - ou o povo, aparentemente descrito pelo filme - que viviam no continente africano. Com ambições muito nobres, em pleno contexto de uma época marcada pelo colonialismo europeu, combinado com os momentos iniciais da primeira grande guerra, Schweitzer construiu a possibilidade da saúde para “um povo” que antes de suas intervenções não “possuía” as condições de saúde para viver. Aliás, não existia saúde, higiene, clima propício... Estas são ideias que o filme procura construir:

No geral prevalecem [*nos filmes*] as versões e os clichês que mostram a África como o lugar da guerra, fome, miséria, caos e desordem. Estes filmes nos transmitem representações e ideologias que trazem, seja de modo subjacente, seja na forma explícita, a ideia de que a África é inviável e dotada de uma crônica incapacidade de autogestão. Os povos que vivem neste continente necessitam ser “governados e civilizados”, devido à ausência da capacidade de constituição de governo próprio. Esta é uma das muitas conclusões a que chegamos após assistirmos qualquer um dos filmes acima citados (LIMA, 2014, p. 97).

O “mundo” vive o contexto em que as sociedades estão marcadas pelo estigma da oposição entre sociedades civilizadas e atrasadas. A Europa é identificada como lugar da ciência e do avanço em todas as áreas. Estamos nos referindo a um momento histórico de ascensão da ciência moderna, discursivamente compreendida como neutra e destituída de dogmas. A Europa, nesse sentido, é o berço das mais avançadas tecnologias, da

medicina, educação, higiene e recursos de toda a ordem. Enquanto a África, se resume aos povos exóticos, primitivos e atrasados. Os romances surgidos nos últimos anos do século XIX, a exemplo de Tarzan, mostram bem o que os ocidentais pensavam sobre o continente africano (BURROUGHS, 2014).¹

Nesse momento social e político no qual viveu e ascendeu o médico Schweitzer, a Europa fervilhava com o darwinismo social e os estudos relacionados ao determinismo biológico. As mulheres, pessoas não brancas/cristãs/heterossexuais eram alvo das ciências, que buscava definir, delimitar, descrever, explicar o exótico e o diferente dos padrões masculino hegemônico europeu. Eram os tempos da ciência que buscava explicar os fenômenos a partir de leis gerais e totalidades. O filme é a expressão dessa busca, subsumida à caracterização de um continente diverso, mas que recaiu, a partir de um olhar etnocêntrico, na homogeneização e estereótipia de um determinado lugar.

A modernidade, nesse momento, é marcada pelos antagonismos e polarizações da razão/emoção, civilizado/bárbaro, natureza/cultura. Este pensamento e paradigma fomentou a dominação, exploração e dizimação de diversos povos, culturas e saberes. Para Quijano (1992) os dias atuais possuem continuidades - mesmo havendo profundas rupturas - da colonialidade do poder e do saber engendrado pela Europa branca e burguesa:

O fato de que os europeus ocidentais imaginaram ser a culminação de uma trajetória civilizatória desde um estado de natureza, levou-os também a pensar-se como os *modernos* da humanidade e de sua história, isto

1 Mesmo sendo dos anos 1930, é ilustrativo também observar outra narrativa não menos famosa, que representa o continente africano de modo semelhante ao existente no romance referido anteriormente. Ver: FALK, Lee. *A lenda do Fantasma*. São Paulo: Golfinho, 1975.

é, como o novo e ao mesmo tempo o mais avançado da espécie. Mas já que ao mesmo tempo atribuíam ao restante da espécie o pertencimento a uma categoria, por natureza, inferior e por isso anterior, isto é, o passado no processo da espécie, os europeus imaginaram também serem não apenas os portadores exclusivos de tal modernidade, mas igualmente seus exclusivos criadores e protagonistas. O notável disso não é que os europeus se imaginaram e pensaram a si mesmos e ao restante da espécie desse modo –isso não é um privilégio dos europeus– mas o fato de que foram capazes de difundir e de estabelecer essa perspectiva histórica como hegemônica dentro do novo universo intersubjetivo do padrão mundial do poder (QUIJANO, 2005, p. 253).

Esse olhar lançado ao continente africano, assim como aos indivíduos que fazem parte desse amplo território, persiste nos dias atuais. Basta percebemos aqui no Brasil como são comuns as referências relacionadas aos negros e negras brasileiros/as, sempre relacionando-os ao continente africano, como se estes fossem estrangeiros no seu próprio país. Além disto, são comuns os discursos que afirmam a continuidade da África no Brasil, como se as práticas cotidianas fossem eivadas de linearidade e homogeneidade. Por fim, tornaram-se corriqueiras as afirmações de que África seja composta por negros e negras, tomada por conflitos étnicos diversos, e dotada de uma vasta realidade de pobreza e miséria:

Em suma, as representações predominantes que permeiam o senso comum sobre o continente africano levam-nos a crer que os africanos são todos negros, e que, “apesar de pobres”, são felizes, uma vez que vivem “soltos pelas florestas”. Também é possível afirmar, com base nestas representações, que os “africanos” vivem em meio à miséria pelo fato de serem incivilizados e por estarem sempre envolvidos em guerras. E estas são resultados do fato de pertencerem a “tri-

bos” diferentes. Nesse sentido, os jornais, as redes de televisão, as revistas em quadrinhos e a indústria cinematográfica hollywoodiana têm papel fundamental para a construção e disseminação destas representações (LIMA, 2014, p. 83 – 84).

Somando-se a estes aspectos, principalmente a construção de um pensamento de uma única África, é necessário sinalizar a proposta de que o filme traz consigo as estereotípias sobre o “povo”. Os “nativos” que lá viviam, na África, eram todos de pele escura, cabelos crespos, lábios grossos. Não há um sequer que fuja a esta regra. Também não fogem desse contexto os gestos e comportamentos que estes executam. Em sua maioria, os trajes e vestimentas sinalizam a pouca roupa, e as que existem são, em sua maioria, gastas, frágeis, sujas. Porém, não podemos generalizar tanto! Os sujeitos mais próximos, aqueles que dialogam com o médico com maior frequência (e, estes ocupam locais privilegiados do trabalho, ou melhor, postos mais qualificados) convivem num limbo entre a humanidade e a falta de civilização. Através do árduo trabalho e do contínuo contato com o homem branco, os “sujeitos mais próximos” vivem uma transição do estado de natureza para o ambiente da cultura civilizada, avançada e moderna sempre numa relação de encantamento com o novo e negação com os costumes dos “povos primitivos”.

Um dos pontos altos do filme resulta nas relações harmônicas entre aqueles que convivem sob os cuidados do médico alemão. Esta convivência é marcada pela “adoração” de “um povo” para com seu cuidador. Um povo que o escuta nas suas intervenções e evangelizações, é defendido por seu “bem-feitor”. Contudo, nem tudo é um paraíso e, talvez seja por isso que a história do médico tenha ganhado a possibilidade de vislumbrar

as telas. Aliás, sem romantismo, aventura e conflitos não se faz cinema nesse mundo!

Entramos então no contexto das dicotomias e antagonismos que são relatados na narrativa fílmica. No contexto das relações estabelecidas estão dois sujeitos diferentes e um desses possui desdobramentos para um terceiro. O primeiro sujeito está representado pelo médico alemão. Ele encarna o lugar de membro da elite europeia, branca e cristã, que possui como objetivo conquistar corações e mentes com sua pseudo assistência e caridade. Traz consigo a representação carnal da ideia do “fardo do homem branco”, tão comum nos últimos anos do século XIX, além dos primeiros do XX. Este foi o discurso que justificou as invasões dos potentados europeus no continente africano. Conforme Hernandez (2005), as invasões ocorriam não por conta das minas de ferro, carvão e outros minerais indispensáveis ao pleno desenvolvimento da revolução industrial europeia, mas, sobretudo, para que os evoluídos e desenvolvidos levassem aos “primitivos africanos” as luzes da civilização. Por isto que estamos nos referindo a uma colonização, aonde os colonos irão desenvolver as bases de uma nova civilização, mais evoluída do que aquela existente entre os “primitivos” homens e mulheres do continente africano. Grande parte das representações existentes em narrativas fílmicas do período acima citado, a exemplo de Tarzan, ilustra bem o contexto ao qual estamos nos referindo.

Vale salientar que essa colonização e imperialismo que opôs o homem e a natureza, os civilizados e incivilizados, causou grande impacto nas relações sociais contemporâneas. Além da dominação e opressão de povos, houve um amplo domínio técnico e científico da natureza, sempre relacionando esta última à inferioridade, mediante con-

fronto com a ciência. O resultado da ascensão desse paradigma constata-se na crise ambiental e climática que aflige à humanidade de maneira indiscriminada, tornando-se potencialmente um grande impasse para a vida humana. Vale atentar que ao me referir ao “homem”, estou discorrendo tomando a noção dos papéis de gênero, normatizados socialmente como masculinos. As mulheres nesses tempos não possuíam o direito da decisão nos espaços públicos. O homem, portanto, era reconhecido enquanto sujeito central e universal.

Os choques e contrastes apresentados ao longo da narrativa em questão elucidam bem o que estou afirmando. As cenas confrontando a “selva” (que aparenta muito mais uma savana do que necessariamente uma floresta) com as “belas imagens” da arquitetura dos prédios existentes na Europa mostram parte dos objetivos existentes na trama da narrativa. A “selva” é a todo o momento confrontada com o progresso existente na civilização ocidental. Os requintes existentes naquilo que foi produzido numa “Europa” também indistinta, no caso, os ambientes por onde Schweitzer percorria, são colocados em clara situação de superioridade para com o cenário da narrativa.

Portanto, a África não possuía nada que não fosse selvagem, e em seu estado natural. Eis a famosa frase do não menos famoso Hegel: a África não tem história... (HEGEL, 1985). E este pensamento marcou toda uma geração de estudiosos, que viam o continente africano apenas como exótico e selvagem. Eis os motivos de tanta celeuma em torno da civilização egípcia! (KI-ZERBO, 2002; M’BOKOLO, 2009). Tão genial, monumental, mas, “infelizmente”, localizada na África!

A representação deste aspecto ocorre tanto na imagem desses sujeitos, com suas vestes brancas e alvas como também de seus

costumes “civilizados” da dança, música e condutas. Esta imagem da qual estou retratando tem o auxílio de outro personagem: a esposa de Albert. Ela, no contexto fílmico, representa o complemento desse sujeito branco, cristão, de costumes “civilizados”. Ela participa de um ciclo civilizatório que a Europa representava (e representa) para todos os sujeitos que não estavam inseridos neste continente. No filme, ela acrescenta de maneira “doce”, “delicada” e “dócil”, os feitos do seu marido, apoiando-o de maneira decisiva em suas decisões e condutas. Afinal, para aquela época, o que seria um homem sem uma mulher para completá-lo, conforme os ensinamentos bíblicos?

A esposa de Albert cumpre os requisitos socialmente sancionados dos atributos construídos enquanto genuinamente femininos. Na realidade, os papéis sociais para homens e mulheres estão revestidas de uma naturalização, reforçada pelos aspectos biológicos que distinguem o macho da fêmea. Os papéis cumpridos por homens e mulheres, nessa dinâmica não se resumem às características sexuais, mas sim à um conjunto de comportamentos moralmente e socialmente reconhecidos, negociados, sancionado cotidianamente. Esses comportamentos construídos e reconstruídos para homens e mulheres impõem barreiras e limites para ambos os gêneros, além de incluir uma lógica de complementaridade, oposições e hierarquias. Segundo Matos (1999), a ciência foi fundamental para a construção naturalizada dos homens e mulheres, sendo o determinismo biológico um dos precursores do que atualmente entendemos, no senso comum, sobre o que é “ser” homem ou mulher. O binarismo em questão busca eliminar outras formas do exercício do gênero e da sexualidade, ampliando a estigmatização,

Mas, como não deveria deixar de ser, a

esposa de Albert é apenas um parêntese na questão das dicotomias. O romantismo ou a aventura necessária no filme, não está representado no homem e na mulher, mas na construção de dois homens em disputa. Essa disputa é a materialização do “superior” e do “inferior”, do “civilizado” e “não civilizado”. Enfim, a disputa pela hegemonia estabelecida pelo médico, representado como o “herói”, e Oganga, o “feiticeiro” da “tribo”, constitui-se no mote fundamental, em que a narrativa fílmica se apóia. A ciência, com seus avanços e recursos, e o bom homem, civilizado e dotado de bons costumes não poderia ter visibilidade se não fosse visto em oposição ao que lhe é diferente, no caso, Oganga.³

Oganga é uma liderança do povo “africano” retratado na narrativa fílmica em questão. No contexto, estava enfraquecido e questionado por seu povo, outrora liderados. A chegada do médico Schweitzer modifica a correlação de forças, e o coloca no lugar do medo que seus semelhantes sentem por ele, uma vez que este representa as crenças do passado, os interditos e tabus, as formas como se relacionavam outrora com a natureza. Este personagem - que segue os critérios do homem de pele escura, cabelos crespos, lábios grossos - possui como objetivo principal a expulsão do médico alemão e a conservação dos costumes locais. Porém, para construir tais objetivos foi necessário utilizar-se de condutas “erradas” e permeadas de maldade. Com sua performance de acreditar na mágica, enquanto maneira de curar e manter sua existência, Oganga afasta-se de toda a comunidade para preservar

sua maneira de viver e ver o mundo. É apresentado como uma liderança desonesta, que se utiliza de métodos sórdidos para restabelecer as crenças de seu povo, que já não mais o lidera. A narrativa coloca o confronto entre duas civilizações: a ciência, moderna, avançada, capaz de curar e de proporcionar felicidade, e o atraso, consubstanciado na crença de mitos pautados nos tabus, a exemplo do episódio do nascimento dos gêmeos, que deveriam morrer, conforme a crença e costume local.

Nesse aspecto a ciência europeia que reivindicava uma neutralidade, desprezava e deturpava os saberes pautados em sistemas de crenças e práticas ligadas à magia. Neste caso, a magia de Oganga era veementemente questionada e desclassificada enquanto conhecimento possível e viável. Era necessário o extermínio das fantasias e a emergência da racionalidade fundada na ciência moderna hegemônica e na cultura judaica-cristã. Mas, o que seria essa modernidade?

A racionalidade moderna, no que tange à ciência, surge em meados do século XVI (seguindo o modelo newtoniano-cartesiano), após longo processo de revolução científica, cultural e social. Até o século XIX predominava os estudos das ciências exatas e naturais, mas após esse período, as ciências humanas, com forte influência dos estudos da natureza, começam a adentrar e fomentar esboços que possuíam como principal objetivo a explicação da sociedade e das relações homem e natureza (SANTOS, 2010). Para Bacon (1979), por exemplo, o homem deveria dominar a natureza e superar os saberes medievais e aristotélicos.

Assim sendo, nas bases do paradigma moderno de ciência, encontra-se uma busca constante pela verdade dos fenômenos e fatos, possibilitados pelo empirismo. Além disto, possui como marcas a busca por leis

2 Uma excelente oportunidade de conferir a oposição entre os líderes religiosos tradicionais de alguns dos povos do continente africano, e os sacerdotes das religiões trazidas pelos colonizadores pode ser vista no romance em questão. Ver: ACHEBE, Chinua. **A flecha de deus**. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

universais do conhecimento, que deve ser rigoroso e distante das interferências de valores e sentidos religiosos e humanos. Esses princípios, no entanto, não se restringiram aos laboratórios, bibliotecas ou centros de estudos e acadêmicos. As bases do paradigma da modernidade estão nas mais simples e costumeiras relações humanas, no cotidiano das pessoas. Os jornais, revistas, internet e filmes estão impregnados de discursos pautados no dualismo e nas leis universais que dão sentido às práticas sociais. Nessa busca por explicações gerais, está a África e muitos outros povos.

[...] O trabalho dos homens de ciência produziu também de maneira mais insidiosa, ao lado das reconstruções históricas mais refletidas e mais duradouras, estereótipos tanto mais persistentes pois apareciam aparelhados com todos os emblemas da legitimidade “científica ou acadêmica, ao mesmo tempo em que confortavam as falsas evidências do senso comum (M’ BOKOLO, 2009, p. 49).

Por fim, mesmo aparentando como objetivo apresentar a vida e obra do médico Albert Schweitzer, a narrativa fílmica faz parte de “aglomerado” discursivo que restringe o continente africano à pobreza, miséria e incivilidade. Sua história é elucidativa, e mostra bem o pensamento predominante da época, em que valores etnocêntricos davam o tom dos cruzamentos civilizatórios.

Algumas conclusões

A narrativa fílmica tem diferentes propósitos, como tudo na vida. Informar, divertir, entreter, servir de inspiração para análises, e também para formar consciências. As representações existentes no filme em questão não devem ser vistas como destituídas de sentidos, tampouco colocadas no lugar do pueril e da ingenuidade. Uma das interrogações possíveis de serem feitas diz respeito ao

fato de que ainda hoje os filmes que tematizam o continente africano, quase sempre o colocam no lugar comum do atraso, miséria, corrupção, guerras e caos. Por mais que se mostre o contrário, tais filmes ainda estão balizados na oposição etnocêntrica entre civilização ocidental e África.

Assim sendo, o presente estudo possui como objetivo primeiro problematizar as representações sociais eivadas de distorções e estereótipos que envolvem o continente africano e os indivíduos, seus povos e sociedades que nele existem. Antes de tudo, é necessário compreender que as representações sociais refletem relações de poder e hierárquicas, ou seja, estão longe de constituírem verdades absolutas ou ingenuidades.

Uma narrativa fílmica faz parte de um determinado tempo e espaço e é expressão de discursos e práticas sociais. A narrativa fílmica “Espírito da Selva” faz parte de um amplo e complexo discurso dominante também constatado em outros filmes. No percorrer da narrativa não podemos deixar de verificar as dualidades e enfrentamentos que não estão restritos ao personagem europeu e a cultura local dos “africanos”. O filme expressa o confronto, domínio e hierarquias de um determinado paradigma hegemônico, tratado nesse texto como o modelo da ciência moderna. Esse paradigma silenciou saberes e práticas dos mais diversos povos e sociedades, utilizando-se de práticas assistenciais ou coercitivas/punitivas.

Nos vinculamos portanto, a uma perspectiva crítica que busca desnaturalizar determinados conhecimentos gestados em um ambiente com objetivos de fomentar a dominação e o imperialismo, que vão além dos espaços acadêmicos. Portanto, devemos enquanto pesquisadores, reconhecer que a neutralidade não é um discurso que se sustenta no âmbito da ciência e, por isto, neces-

sitamos desconstruir explicações simplistas que silenciam as histórias dos povos, que vão muito além para a ideia simples de que a vida se resume em oprimidos e dominados, em permanente confronto com os opressores.

Referências

- ACHEBE, Chinua. **A flecha de deus**. São Paulo: Cia das Letras, 2011.
- AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **A análise do filme**. Lisboa: Edições Texto e Grafia, 2009.
- AUMONT, Jacques, et all. **A estética do filme**. Campinas: Papyrus Editora, 2009, 7ª edição.
- BACON, F. *Novum Organum - Nova Atlântida*. Tradução José Aluysio Reis de Andrade. 2º Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores)
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.
- _____, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001
- BERNARDET, Jean Claude. **O que é cinema?** São Paulo: Brasiliense, 2010.
- BURROUGHS, Edgar Rice. **Tarzan o filho das selvas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.
- CARRIÈRE, Jean-Claude. **A linguagem secreta do cinema**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2009.
- CHARTIER, Roger. **A História cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990
- FALK, Lee. **A lenda do Fantasma**. São Paulo: Golfinho, 1975.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia e educação da mulher: uma discussão teórica sobre modos de enunciar o feminino na TV. **Estudos feministas**, vol. 09, nº 02, p. 586 - 599, 2001.
- HEGEL, Wilhelm Friedrich. Introdução à história da filosofia **in Hegel – Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1985, p. 316 – 392.
- HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula. Visita à história contemporânea*. São Paulo: Selo Negro, 2005
- KI-ZERBO, Joseph. **História da África negra. Vol. I**. Mem Martins (Portugal): Biblioteca Universitária, 2002.
- LUMET, Sidney. **Fazendo filmes**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LIMA,IVALDO M. F. Selva, povos primitivos, doenças, fome, guerra e caos: A África nos cinemas, nas histórias em quadrinhos e nos jornais. **Revista África(s)**, v. 1, n. 1, jan./jun. 2014.
- M´BOKOLO, Elikia. **África negra. História e civilizações – Tomo I (até o século XVIII)**. Salvador/ São Paulo: EDUFBA/ Casa das Áfricas, 2009.
- MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial**. São Paulo: Summus, 1988.
- MATOS, Sônia M. de. Repensando o gênero. In: AUAD, Sylvia M. V. A. Venturoli (org). **Mulher – Cinco séculos de desenvolvimento na América - Capítulo Brasil**. Belo Horizonte: Federação Internacionak de Mulheres da Carreira Jurídica, CREZ/MG, Centro Universitário Newton Paiva, 1999.
- SANTOS, Boaventura de Souza. Um discurso sobre as ciências. 7º Ed. São Paulo: Cortez, 2010
- QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Edgardo Lander (org)**. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. pp.227,
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/racionalidade. **Perú Indígena** (Lima) Vol. 13, Nº 29, 1992.

Recebido em: 19/06/2015

Aprovado em: 04/08/2015